

O novo campo com o Covid-19: a pesquisa sobre os Bate-Bolas e as adaptações frente à pandemia

Eliane Carla da Silva Viana;

Nilton Gonçalves Gamba Junior;

Cristina Carvalho

resumo:

O artigo descreve a importância da cultura dos Bate-Bolas utilizando novas formas de pesquisa de campo, que foram adaptadas por conta do atual contexto da Covid-19. O artigo narra a primeira etapa de uma dissertação de mestrado que estuda as modelagens dos Bate-Bolas e a sustentabilidade comunicacional do evento. A pesquisa tem como objetivo apontar a educação não formal presente na manifestação cultural através de uso de entrevistas realizadas *on-line*. Os Bate-Bolas existem na periferia da cidade do Rio de Janeiro e usam uma fantasia secular, apesar de sua história possuir uma visibilidade pequena no carnaval carioca. A dissertação é parte do projeto de pesquisa e extensão Mascarados Afroiberoamericanos do laboratório DHIS da PUC-Rio. Descrevemos aqui as ferramentas de campo antes e depois da pandemia e destacamos a análise de uma das entrevistas.

palavras-chave:

Bate-Bolas; Pesquisa de campo; Modelagem; Covid-19; Sustentabilidade Social

1 Introdução

Apesar dos desfiles das escolas de samba e os blocos de rua serem as manifestações mais evidentes do carnaval carioca, outros eventos relevantes como as turmas de Clóvis ou Bate-Bolas também são expressivos como parte da cultura popular no calendário da cidade. Há uma parcela considerável de pessoas que realizam o carnaval de rua nos subúrbios e que se organizam em muitos grupos que atuam o ano inteiro para a confecção de fantasias e máscaras acompanhados de uma bexiga de plástico ou outros tipos de acessórios criando as “turmas” de Bate-Bolas. Assim como cita Pereira (2008) “Não se sabe ao certo qual a principal origem dos bate-bolas, mas sabemos que tiveram diversas influências, internas e externas ao Brasil, como em Santa Cruz, onde se acredita que a manifestação dos bate-bolas tenha surgido por dois motivos principais: o Matadouro de Santa Cruz e o hangar de zepelim, na década de 30” (PEREIRA, 2008, pg.24). Há uma considerável parcela de pessoas que movimenta a economia local no subúrbio carioca com essa manifestação, são mais de mil turmas, que vão de 10 a 100 integrantes, utilizando vários ofícios para a produção das fantasias. Os brincantes, artesãos e líderes de turma geram uma cadeia produtiva, movimentam a economia e a cultura local e preservam uma tradição secular do país de laços arcaicos com o período neolítico em outras regiões.

O DHIS (Laboratório de Design de Histórias) da PUC-Rio coordena um projeto de pesquisa e extensão denominado Mascarados Afroiberoamericanos, que estuda esse cenário expressivo e seus aspectos materiais e simbólicos. O projeto integra diferentes recortes de abordagem que incluem alunos de iniciação científica, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Como metodologia, várias técnicas são utilizadas, como por exemplo, a pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, pesquisa de campo, questionários e entrevistas, dinâmicas e oficinas. Porém, várias etapas presenciais foram afetadas em 2020 pelo isolamento acarretado pela epidemia Covid-19. Neste artigo, destacamos a adaptação realizada para um recorte específico, a realização da imersão no campo com líderes de turma e artesãs costureiras para a realização de souvenires que visam a sustentabilidade da manifestação com um produto que usa sobra de tecidos e a mão de obra já envolvida no processo.

2 Desenvolvimento

Muitos denominam o carnaval dos Bate-Bolas como o “carnaval invisível” do Rio de Janeiro, pois acontece no subúrbio e não dispõe de uma mídia que o divulgue positivamente como acontece com outras manifestações na Zona Sul da cidade, onde se encontram os blocos de maior visibilidade turística ou o Sambódromo onde acontecem os desfiles das Escolas de Samba. As turmas de Bate-Bolas competem entre si pela beleza das fantasias confeccionadas por cada grupo e estabelecem uma identidade e reconhecimento entre eles, mas por acontecer nos subúrbios esta manifestação muitas vezes passa despercebida pela maioria da população carioca, que muitas vezes não tem contato com o rito.

Assim, como afirmava Bakhtin (1999), “Nem mesmo posteriormente os especialistas do folclore e da história literária consideram o humor do povo na praça pública como um objeto digno de estudo do ponto de vista cultural, histórico, folclórico ou literário.” (Bakhtin, 1999, pg. 3). Ou seja, além da dificuldade de acesso às saídas de turmas, os estudos da academia, os registros museológicos e a divulgação nas mídias massivas também são prejudicados por essa característica local, dinâmica e não oficial de certas manifestações. A associação dos bairros periféricos ao crime e à contravenção não pouparam essa expressão cultural como não fez com o funk ou o samba em outras épocas. Assim, o que a mídia geralmente retrata é a associação de algumas turmas com o tráfico, a milícia ou outras formas de criminalidade de uma forma generalizante e preconceituosa. Por conta dos entraves sociais e econômicos a sobrevivência desse rito, embora muito numeroso e expressivo nas periferias, precisa de ser pensado quanto a sua sustentabilidade social – além da econômica e ambiental.

A dissertação que introduzimos aqui investiga o estudo da modelagem como forma de redução da escala formal da imagem dos Bate-Bolas para o desenvolvimento de souvenires feitos de sobras de tecidos usados na própria produção da fantasia. O foco principal do estudo é a sustentabilidade social do evento, com uma divulgação mais positiva por meio de várias estratégias de uso desse artefato (distribuição em escolas, oficinas de ampliação da técnica de produção, comercialização com veiculação de informações históricas). A sustentabilidade econômica por meio da comercialização

desses produtos e a ambiental pelo uso do material de descarte é um foco secundário no recorte desta pesquisa de mestrado, mas igualmente relevante na execução do projeto em um âmbito maior.

As modelagens, os materiais, e os processos das fantasias de Bate-Bolas são um ponto de partida para o estudo da sustentabilidade e estão entrelaçados nessa trama que está sendo tecida para geração de um novo artefato que será simbólico e narrativo. E assim como descrito por Gamba (2013), “Pasolini afirma que seu trânsito da teoria para a ficção ou para a poética, e vice-versa, vem justamente da percepção da matéria-prima comum, a linguagem, e de suas dimensões enunciativas distintas, com potencialidades diferentes, expondo novos comos que reapresentam questões da linguagem de uma área para outra” (Gamba, 2013, pg.48). Dessa forma, a linguagem material é apresentada em forma de história contada através de suas fantasias, seus materiais e seus aspectos estéticos.

A linguagem usada de forma estratégica em um projeto de divulgação transporta conteúdos de uma área para outra, só é possível porque já há uma educação não formal que cria suas linguagens e conteúdos nos barracões e ilhas de produção, entre os ofícios que são passados, entre os integrantes e incentivando-os a aprenderem novas formas de contar histórias através das imagens de suas fantasias. Então, segundo a argumentação de Meneses (2009), “Esquece-se, comumente, que a interpretação do patrimônio cultural deve ser feita, antes de tudo, com e para a população local. Somente assim ela e os produtos dela derivados se sustentam” (Meneses, 2009, pg.33). Partindo dessa argumentação, é possível identificar que os Bate-Bolas utilizam de vários pressupostos éticos e estéticos para disseminar sua cultura com a sua população local, envolvendo-os desde a manufatura da fantasia até o festejo em si, tornando então esta cultura importante primeiramente para eles como integrantes da manifestação e para a sociedade que o permeia.

Nesta pesquisa, foram abordados 4 tipos de fantasias que usualmente são adotadas pelas turmas, o pirulito (Imagem 1- a mais tradicional fantasia, que deu início a todas as outras) , o bujão (Imagem 1- a fantasia mais ampla, que é mais vista em Santa Cruz), a capa (Imagen 2- que é um estilo muito utilizado na década de 70 e 80, restando poucas turmas ainda hoje), e o saia rodado (Imagen 2- que é a fantasia mais usada atualmente) e é diferenciada pelas turmas pelos adereços utilizados, ou bola e bandeira, ou a sombrinha.

Imagen 1 - Tipos Pirulito e Bujão



Fonte: Lab DHIS

Imagen 2 - Tipos Saia rodado e Capa



Fonte: Lab DHIS

As fantasias e todo o festejo foi se especializando e aprimorando suas técnicas, inovando em seus produtos, e gerando uma cadeia produtiva es que proporciona renda a inúmeras pessoas da periferia do Rio de Janeiro. Olhando pelo viés do Design, eles ressignificaram as fantasias e todo o festejo, transformando e inovando em diferentes áreas, e segundo Bonsiepe (2013), “A inovação do produto e o redesign cumprem uma função econômica importante, e nenhuma empresa de peso introduz um novo produto sem cuidar da demanda por parte dos consumidores” (Bonsiepe, 2013, pg.22). Eles fizeram o redesign ao longo dos anos nas fantasias, que se diversificaram, pois, a partir do tipo Pirulito (fantasias presentes na figura 1) surgiram inúmeros outros modelos, e também criaram novos materiais que gerou novos processos para os diversos produtos e modelos performativos que cada vez mais incluem a coletividade. Reafirmam a dimensão coletiva, presencial e de ocupação dos espaços públicos, tanto no rito em si como em diferentes fases de sua produção. Assim, esta força que vem do povo é enfatizada nas palavras de Didi- Huberman (2011), quando escreve, “A partir do momento que o povo está fisicamente reunido nas festas públicas, no teatro, no hipódromo ou no estádio, o povo está lá e constitui uma potência política” (Huberman, 2011, pg.99), e então esse povo constituído aqui pelos brincantes, organizadores, artesãos, comerciantes e simpatizantes do evento gerou um evento cultural que representa diferentes localidades do subúrbio do Rio de Janeiro.

Para mapear todo o rito e sua cadeia produtiva, uma parte da pesquisa de campo já havia sido realizada até o momento em que a situação atual se instaurou. O isolamento da quarentena gerou, porém, um prejuízo para a pesquisa de campo que fica dividida a partir de então entre o período anterior à Covid- 19 e o período durante esta pandemia.

2.1 O campo antes da Covid-19

As pesquisas de campo que aconteceram antes da pandemia consistiram de visitas a alguns barracões em prévias de saída para entender como aconteciam não só o rito em si, mas diversas etapas da produção. Foram visitadas algumas ilhas de produção, como a ilha de máscaras (onde eram montadas as máscaras), e ilhas de gliteragem (onde partes dos coletes passavam pelo processo de aplicação manual de *glitter* em todo o desenho temático já traçado no colete). Também houve a visita à exposição onde foram divulgados vários modelos de Bate-Bolas de anos anteriores de várias turmas e o registro de saídas de algumas turmas, realizado pelo laboratório DHIS com a equipe de pesquisa do projeto Mascarados Afroiberoamericanos (todos expostos na imagem 3). No último carnaval de 2020, ainda foi possível realizar o registro da saída de uma turma no bairro de Marechal Hermes e o registro de um encontro de várias turmas de Bate-Bolas realizado no bairro de Santíssimo onde foi montado um estúdio (onde a maioria dos integrantes do laboratório DHIS envolvidos com pesquisa sobre Bate-Bolas estavam presentes) para capturar imagens dos grupos e sua grande variedade de temas e fantasias propostas (Alguns registros estão expostos na imagem 4). Com a catalogação de muitas dessas turmas, foi possível realizar um cadastro de mais turmas e participantes para a continuação da

pesquisa de todos os envolvidos, inclusive a dissertação sobre as modelagens aplicada à sustentabilidade do evento.

Imagen 3 - Pré Covid em 2019



Fonte: O autor

Imagen 4 - Pré Covid em 2020



Fonte: O autor

Feito os registros, a próxima etapa seria a coleta de histórias de vida e os relatos sobre o processo produtivo. A pesquisa das histórias locais das pessoas comuns são uma forma de resgate das memórias individuais e coletivas como forma de contextualizar a produção de materiais e os ritos. Como afirma Simões & Lopes (2009): “Entendemos a educação não apenas como um programa de conteúdos, mas também como interlocução entre os sujeitos que a compõem. Essa leitura nos leva a pensar a pesquisa como a instância de resgate das memórias locais, de pessoas comuns, que constroem o país. Propomos a recolha de estórias e histórias, experiências e práticas que constituem a representação que determinadas comunidades têm de si e das coisas que a rodeiam.” (Simões & Lopes, 2009, pg.202).

Essa iniciativa reforça o que os autores apontam sobre os saberes e realidades locais: “Na investigação dos saberes locais, pensamos que o reconhecimento das práticas cotidianas é enriquecido pelo uso da pesquisa participante através de entrevistas abertas e a interação dos atores, contatos com as realidades locais e coleta de dados procurando elaborar uma descrição densa do objeto pesquisado. Este caminho nos permite romper a barreira das concepções previamente formuladas, do racionalismo absoluto e da eleição seletiva dos elementos a serem investigados, permitindo reconhecer nuances, desvios, práticas silenciosas e elaborações cotidianas.” (Simões & Lopes, 2009, pg.205).

Assim, após acabar o Carnaval, foram traçados mais alguns passos para serem realizados durante o semestre, foram eles:

- Escolha de amostragem de entrevistados;
- Entrevistas pilotos com a primeira amostragem para escolha dos sujeitos da pesquisa;
- Entrevistas com líderes de turmas e costureiras envolvidos no processo produtivo e escolhidos para a dissertação;
 - Verificação do processo produtivo das modelagens e costuras das fantasias – onde seriam realizadas idas aos barracões de confecção das fantasias e visita aos responsáveis pelo desenvolvimento das modelagens, graduação, costuras etc;
 - Estudo da modelagem para a escala aumentada – por meio da análise das modelagens e do sistema produtivo que seria catalogado no processo anterior, seria estudado com esses responsáveis a possibilidade de criação de um Bate-Bolas em escala reduzida para um trabalho de parceria criativa juntamente com os profissionais envolvidos;
 - Produção final de um souvenir utilizando restos de materiais da cadeia produtiva;
 - Retorno da técnica e processo de fabricação do artefato para a comunidade e validação de seu uso;

Logo após o carnaval, foi noticiado que em vários locais do mundo a Covid-19 se espalhara e foi então instaurado o isolamento social no Brasil. De acordo com a nova realidade, aulas presenciais foram suspensas e se tornou necessário buscar novas formas, agora *on-line*, para manter as orientações e as reuniões dos grupos para que não ocorresse defasagem nos estudos e pesquisas. Analisando as demandas para a pesquisa, o orientador da dissertação sugeriu uma nova diretriz, modificando as técnicas possíveis de serem realizadas à distância, ao mesmo tempo que, juntamente com a equipe mais familiarizada com recursos tecnológicos do grupo de estudos, buscava soluções para que as práticas *on-line* se tornassem mais disponíveis para a continuação das mesmas.

Desse modo as novas diretrizes para essa dissertação envolveram um grande esforço coletivo do laboratório de pesquisa e uma parceria com o Museu da Pessoa o que gerou um projeto de extensão denominado Motirô – o festejo como testemunho. Motirô é um vocábulo Tupi Guarani que fala de trabalhos grupais e ofícios coletivos - o que gerou o termo "mutirão". No projeto, a denominação tem a função de destacar nos festejos os seus ofícios e sua dimensão social. Motirô objetiva colher, registrar e difundir depoimentos de artistas que trabalham nos ofícios envolvidos em todas as etapas desses ritos. Além de uma cartografia desses ritos, descreverá os desafios particulares desse momento histórico de pandemia. Assim, um trabalho de pesquisa de campo à distância atenderia a diversas pesquisas simultaneamente contribuindo para o projeto Mascarados Afroiberoamericanos de uma forma mais ampla e para essa dissertação em particular. Ao mesmo tempo, se unia três funções do depoimento: o depoimento-campo (que atende às pesquisas acadêmicas como fonte de dados e

conteúdos); o depoimento-acervo (que formata os relatos para serem usados como memória museológica no acervo do Museu da Pessoa) e o depoimento-artefato (peças de divulgação produzidas a partir do material recolhido e que teriam a função de ampliar a visibilidade social dos depoimentos).

O projeto Motirô se deteve em levantamento técnico para registros *on-line*, técnicas de entrevistas à distância e contatos com o campo para seleção de amostragem. Neste artigo, apresentamos especificamente o depoimento usado como campo na fase inicial dessa dissertação e destacamos uma das entrevistas realizadas à distância demonstrando seu potencial para realizar os primeiros levantamentos da pesquisa.

2.2 Um campo à distância

Foi realizado um levantamento do estado da arte de alterações em pesquisa de campo presenciais neste momento da pandemia para entender como os pesquisadores da área estavam resolvendo esta etapa. Porém, os resultados obtidos apresentavam majoritariamente pesquisas relacionadas à área de saúde, e poucas pesquisas nas áreas de humanidades. Foi encontrada uma investigação exemplar que citava exatamente a importância das Ciências Humanas na pesquisa e combate às pandemias (presente na imagem 5). Jean Segata é professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, e abaixo estão alguns trechos de uma matéria sobre a pesquisa:

Imagen 5 - As ciências humanas no combate às pandemias

The screenshot shows a web page from the URL ufrgs.br/ifch/index.php/br/a-importancia-das-ciencias-humanas-na-pesquisa-e-combate-as-pandemias. The page title is "A importância das Ciências Humanas na pesquisa e combate às pandemias". Below the title is a large image of a COVID-19 virus particle. At the bottom of the page, there is a quote by Professor Jean Segata.

Professor Jean Segata, do PPG em Antropologia Social da UFRGS, ressalta o papel das Ciências Humanas, é da Antropologia em particular, na pesquisa e combate ao novo Coronavírus.

Os números podem ser universais, mas os fenômenos e experiências que eles descrevem não são. Hoje, a Covid-19 é uma doença em escala global, mas isso não faz dela um fenômeno universal e a antropologia e as Ciências Sociais são imprescindíveis neste momento para pensar de forma situada os seus efeitos.

Fonte: Site UFRGS

“A importância das Ciências Humanas na pesquisa e combate às pandemias.

Eles partilham experiências e compõem ambientes singulares. Então, a pandemia precisa ser considerada como uma experiência vivida nos corpos e nas sensibilidades coletivas. Cada experiência conta; faz história. E nós seguimos essas histórias e aprendemos com elas. (...) O segundo ponto é que é preciso ter em mente que fenômenos globais são sempre atuados a partir de contextos locais. O global se realiza a partir de materialidades e práticas situadas. Como já nos ensinou a antropóloga Anna Tsing em seu livro Friction, converter dados locais em escala global é um modo perverso de fingir universalidade.” (Segata, 2020).

Nesse sentido, é que a parceria com o Museu da Pessoa foi fundamental para aplicarmos uma metodologia já sedimentada de entrevistas e registros de histórias de vida à distância. Os pesquisadores do DHIS fizeram uma imersão na técnica de escuta ativa já difundida pelo Museu da Pessoa e foi realizado um método próprio para o Motirô em função dos objetivos do projeto de pesquisa (cujo *flyer* está presente na imagem 9).

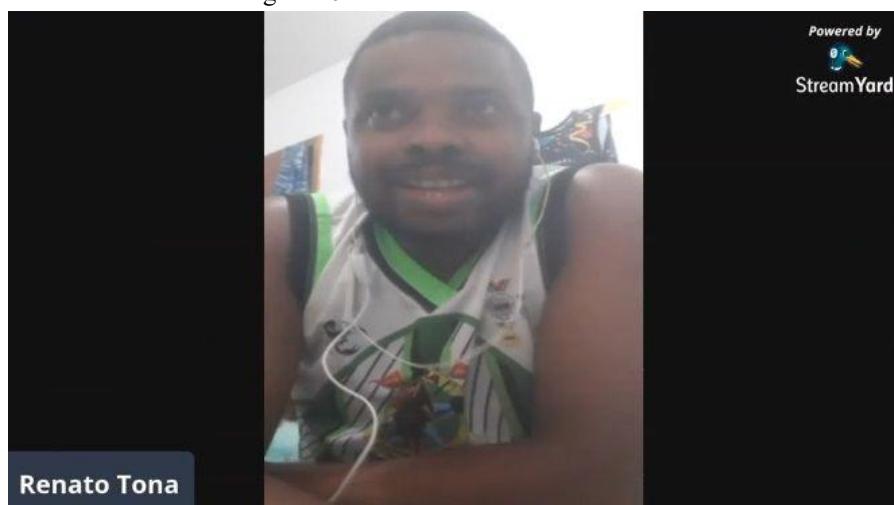


Fonte: Lab DHIS

Diferentes ferramentas tecnológicas foram disponibilizadas para o projeto Motirô para atender a diversidade de cenários sociais encontrados no campo. A diversidade de acesso a recursos tecnológicos (softwares, dados móveis, internet a cabo, diferentes aparelhos) determinou diferentes ferramentas. Aqui no artigo, destacamos uma das entrevistas e apresentamos os resultados desse tipo de campo nesse momento de pandemia.

A primeira entrevista gravada foi realizada com sucesso, com a utilização da ferramenta *Stream Yard*, que permite o envio de um link para o entrevistado – que pode ser enviado pelo *Whatsapp*, ferramenta mais popularizada na amostragem do estudo –, facilitando o acesso já que não precisava fazer download de nenhum aplicativo e poderia ser feito no próprio celular. A ferramenta disponibiliza algumas horas na sua versão gratuita, mas o projeto pagou um mês de uso para ter mais horas de utilização. Foram realizadas entrevistas pilotos para o teste da tecnologia e depois de alguns ajustes no roteiro de perguntas, partimos para a primeira série de entrevistas. A entrevista que vamos narrar aqui foi com Renato - Tona, responsável pela turma Coqueiro de Santíssimo (que foi apresentada uma captura de tela de uma das respostas, presente na imagem 10).

Imagen 10 - Entrevista com Renato- Tona



Fonte: O autor

Foram desenvolvidas pela equipe Motirô, onze perguntas que todos os entrevistados – cada um com suas habilidades e ofícios próprios dentro do festejo – , relataram suas experiências e suas dificuldades no atual contexto de pandemia e isolamento social, que trouxe novas formas de pensar e fazer cultura popular neste contexto. O uso de ferramentas que não permitiam o entrevistado visualizar o entrevistador durante a entrevista durante às suas repostas e, pelo menos no momento das perguntas, prejudicavam muito a metodologia de escuta ativa e os próprios entrevistados dos processos pilotos narraram desconforto com essa situação. Assim, essas ferramentas foram descartadas e na gravação das entrevistas para o acervo do Museu da Pessoa optou-se por enquadramentos que não impedissem o entrevistado de ter acesso às reações do entrevistado.

Além de servir de eixos temáticos que manteriam o paralelismo entre os vários depoimentos do Motirô, perguntas abaixo também serviam para o entrevistador anotar demandas de imagens de apoio que seriam úteis tanto para a investigação como para as edições finais como imagens de cobertura e ilustração das falas.

Perguntas realizadas:

1. Qual o seu nome, local de nascimento, data de nascimento?
2. Para que manifestação você produziu ou produz?
3. Descreva a manifestação cultural (onde, quando, porque e como)?
4. O que é produzido por você e como você produz? (recursos: materiais, financeiros, local)
5. Além desta produção, de que outras formas você participa deste evento? (como brincante, usuário, audiência, participante)
6. Como você começou a participar neste evento?
7. Qual a importância desta manifestação na sua vida?
8. Qual a importância dela para a sua localidade?
9. Como o atual isolamento está afetando o seu ofício e a festa?
10. Esse isolamento fez você rever o papel da sua festa para a sua sociedade?
11. Chegamos ao final, mas tem algo que não perguntamos e que gostaria de deixar neste relato?

Nas entrevistas, o entrevistador anotava demandas persistentes de perguntas que não foram totalmente respondidas e as adicionava em nova formulação no término do processo. Ao final, o entrevistado gravava a autorização do uso da imagem para o acervo e para as pesquisas relacionadas, encerrava-se a gravação e pedia-se, então, a lista de imagens de apoio anotadas pelo entrevistado.

Na entrevista de Renato-Tona já se comprovou a contribuição desse esforço de campo do Motirô e seu formato de depoimento para atender as duas primeiras fases da pesquisa citadas anteriormente:

- Escolha de amostragem de entrevistados;
- Entrevistas pilotos com a primeira amostragem para escolha dos sujeitos da pesquisa

O processo coletivo gerou uma vasta amostragem e contatos para a realização das etapas posteriores usando as mesmas ferramentas de videoconferência. A participação simultânea do entrevistado como brincante, líder de turma, integrante de associações inter-turmas e artesão no processo produtivo das fantasias determina um tipo de perfil reincidente e que pode favorecer a imersão da pesquisa no processo fabril das fantasias. Renato-Tona organiza um evento que reúne várias turmas em seu bairro e esse perfil demonstrou uma visão mais clara não só de seu processo produtivo, mas da pluralidade de metodologias usados por diferentes turmas em diferentes localidades.

Renato-Tona deixa claro o domínio de quase todo processo especificando apenas a costura como uma função terceirizada e realizada no final da produção quando todas as partes dos moldes já foram cortadas e desenhadas com artes pelos próprios artistas-brincantes. Nas entrevistas subsequentes, embora haja algumas diferenciações quanto ao domínio integral de todas as etapas até a costura, foi unânime a finalização da costura com mão de obra externa às turmas de Bate-Bolas. A compra de materiais e avimentos e a produção técnica de sublimação em máscara ou na roupa também são outros serviços contratados pontualmente. Por isso, para essa pesquisa, além de líderes-artesãos de turmas, convocamos as costureiras para entendermos melhor a cadeia produtiva relacionada com a modelagem, o corte de tecido e seu aproveitamento até o final do processo.

A preocupação com a dimensão biográfica na entrevista forneceu aspectos importantes para a sustentabilidade social do evento como o preconceito local, a abordagem da mídia, o abandono pelo estado, a perseguição policial, o custo da produção, o excesso de trabalho e a paixão pelo festejo que o faz superar todos os obstáculos anteriores. O entrevistado narra que saiu a primeira vez de Bate-Bolas escondido de sua mãe, pois ela o proibia de participar do festejo por medo do envolvimento com o crime e pelo risco de sofrer violência oriunda do próprio estado – que só se faz presente na periferia por meio da truculência da polícia. Renato-Tona fala do fascínio infantil, de um rito de passagem para vida adulta e de seu pertencimento cultural ao seu bairro de forma particular e ao movimento como um todo como o grande sentido da manifestação para si e para os demais.

A sobreposição da descrição da produção e das histórias pessoais se mostrou satisfatória no roteiro de perguntas usadas e o uso de ferramentas à distância não prejudicou a interação com o entrevistado e, pelo contrário, até favoreceu um aspecto específico da pesquisa-intervenção. Ao entender a motivação da entrevista e do seu desdobramento como campo, acervo e depoimento, a avaliação do entrevistado quanto a este contato foi muito gratificante. Renato-Tona termina sua entrevista agradecendo a equipe o carinho e atenção a seu rito e sua paixão, sublinhando que esforços como esse podem mudar a visão da sociedade em relação à cultura Bate-Boleira. Ou seja, a valorização do papel da pesquisa acadêmica que geralmente só é mais visível em etapas mais concretas da pesquisa-intervenção se revelou, aqui, já na entrevista. Entrevista que além de uma usual função de levantamento exclusivo para o pesquisador, se apresenta, neste caso, de forma mais clara como ferramenta de visibilidade em si – por conta de sua função de acervo de memória e artefato de divulgação.

Além de diversas contribuições para o trabalho em questão, a entrevista realizada no atual contexto também serviu para situar a manifestação neste momento de epidemia e isolamento – fato que integrará naturalmente a redação da dissertação. Ao ser perguntado sobre as interferências deste contexto, Renato-Tona fala da redução de custos nas fantasias, na simplificação de algumas etapas e de sua consciência com todo o processo, mas na aposta ainda de saídas de turma em 2021:

“O isolamento ele está afetando muito a gente assim, pelo fato de que nós temos um calendário muito fixo, são 360 dias correndo atrás de material, são 360 dias pensando em Bate-Bolas, como fazer, como produzir, ter festas, ter reuniões, ter um simples churrasquinho da turma no final de semana. Então, essa pandemia afetou muito a gente, nós estamos sentindo muito, nós temos muitos grupos no *whatsapp* que nós conversamos muito, graças a Deus também por essa tecnologia que ajudou a gente muito nesse momento, a gente trocar ideias, trocar opiniões, dividir materiais, e um ajudar o outro nas produções, que vai ser bem complicado, bem corrido esse ano. Mas graças a Deus, os bate-boleiros em si, estão bem conscientes que independente do carnaval nós temos que olhar para a saúde, então botamos na cabeça e em diversos grupos, temos o mesmo apoio que, para curtir o carnaval nós temos que se cuidar, passar dessa pandemia. Então o pessoal está deixando assim, não de lado, mas se conscientizou que é necessário esperar.” (Renato-Tona)

3 Conclusão

O atual contexto de pandemia forçou o ser humano a se readaptar, obrigando-nos a nos reinventarmos, não seria diferente na ciência e nas pesquisas. Assim como citam Simões & Lopes (2009), “Trata-se de aprender a fazer e aprender a aprender: os elementos da cultura do outro ao demarcarem a alteridade podem nos ensinar (...) apesar de diferentes, os indivíduos têm uma humanidade comum que possibilita a troca de experiências e a utilização das mesmas pela apropriação em espaços e tempos diferentes” (Simões & Lopes, 2009, pg. 202). Dessa forma, a busca por soluções para enfrentar as novas formas de se fazer campo e de se fazer pesquisa também são instrumentos de reflexão e aprendizado, possibilitando a troca e a empatia com a causa que, além de ser também da sua pesquisa, faz parte do outro que se apropria também de características comuns em tempos de isolamento social. O estudo sobre os Bate-Bolas continua ainda em processo, é possível perceber que adaptações são necessárias, afinal é um momento de aprendizado de novos conceitos, novas técnicas e novas formas de se pensar o hoje, em meio a tantas mudanças de paradigmas.

Então, nas palavras de Simões & Lopes (2009):

“Pensar o contexto significa mais do que observar o espaço social, cultural e econômico de uma dada realidade. É entender que tanto o pesquisador quanto o objeto pesquisado são frutos de uma determinada situação e o lugar de onde produzem os discursos e ações é o resultado de experiências e expectativas” (Simões & Lopes, 2009, pg. 202).

Aprender a aprender é a forma que temos de, através da experiência, se reinventar, girar a roda do conhecimento sempre em busca de novas soluções sempre que a situação pedir que assim seja, pois, essas novas descobertas podem vir a acrescentar ainda mais nas suas pesquisas e no conhecimento do outro e de si mesmo. As entrevistas realizadas também serviram para entender a importância que a manifestação cultural tem para a sociedade e como a presença do brincante em praça pública é representação de um povo que, apesar do sofrimento, enfrenta as dificuldades e, em plena pandemia, acredita que o carnaval irá acontecer para que possa levar alegria e clamor de um povo que tem modelos tão próprios de resistência, enfatizando assim as palavras de Carl Schmitt em Huberman (2011): “Somente uma vez fisicamente reunido é que o povo é povo, e somente o povo fisicamente reunido pode fazer o que cabe especificamente à atividade desse povo: ele pode aclamar.” (Huberman, 2001, pg. 98).

The new field with Covid-19: the research Bate-Bolas and the adaptations to the pandemic

Abstract:

The article describes the importance of the Bate-Bolas culture using new forms of field research, which were adapted due to the current context of Covid-19. The article narrates the first stage of a master's thesis that studies the modeling of Bate-Bolas and the communicational sustainability of the event. The research aims to point out the non-formal education present in the cultural event through the use of interviews conducted online. Bate-Bolas exist on the outskirts of the city of Rio de Janeiro and use a secular fantasy, although their history has little visibility in Rio de Janeiro's carnival. The dissertation is part of the research and extension project Mascarados Afroiberoamericanos of the DHIS laboratory at PUC-Rio. We describe here the field tools before and after the pandemic and highlight the analysis of one of the interviews.

Keywords:

Bate-Bolas; Field research; Modeling; Covid-19; Social Sustainability

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento:** O contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1993, f. 993, p. 1-50.
- BONSIEPE, Gui. **Design, Cultura e Sociedade.** São Paulo: Blucher, 2011, 1. ed. f. 270.
- CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio.** São Paulo: Schwarcz Ltda, 1999, f. 141.
- GAMBA, Nilton G. Junior. **Design de Histórias 1:** O trágico e o Projetual no estudo da narrativa. Rio de Janeiro: Rio Books, 2013, 1. ed. f. 196.
- HUBERMAN, Georges Didi. **Sobrevivência dos Vagalumes.** Belo Horizonte: UFMG, 2011, 2. ed ,f. 160.
- KOSTELLOW; HANNAH, Rowena Reed; Gail Greet. **Elementos do design tridimensional.** São Paulo: Conac Naify, 2015, f. 200.
- MENEZES, José Newton C. **Memória e historicidade dos lugares:** uma reflexão sobre o patrimônio cultural das cidades. Cidadania, memória e patrimônio: as dimensões do museu no cenário atual. Belo Horizonte: Crisálida, 2009, 32-45.
- PEREIRA, Aline Valadão Vieira Gualda. **Tramas simbólicas:** A dinâmica das turmas dos bate-bolas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Dissertação (Instituto de Artes) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2008, f. 184.
- SEGATA, Jean. **A importância das Ciências Humanas na pesquisa e combate às pandemias.** IFCH. Porto Alegre: 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ifch/index.php/br/a-importancia-das-ciencias-humanas-na-pesquisa-e-combate-as-pandemias> . Acesso em: 18 Jun. 2020.
- SIMÕES & LOPES, Alexandre; Ana Mónica. **Saberes locais: memórias, práticas, representações e experiências. Cidadania, memória e patrimônio:** as dimensões do museu no cenário atual. Belo Horizonte: Crisálida, 2009, p. 196-209.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001"

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) -Finance Code 001"